

Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição: Evidências de Validade

Evandro Morais Peixoto¹

Universidade de Pernambuco, Recife-PE, Brasil

Carolina Rosa Campos

Universidade São Francisco, Campinas-SP, Brasil

Tatiana de Cássia Nakano

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil

Marcos Alencar Abaide Balbinotti

Université du Québec à Trois-Rivières – UQTR, Canadá

Bartira Pereira Palma

Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar as evidências de validade e precisão do Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição (ICASC-40). O instrumento avalia as estratégias de coping empregadas por atletas frente às situações estressantes inerentes ao ambiente esportivo por meio de duas dimensões, evitação e aproximação. A amostra foi composta por 243 atletas de diferentes modalidades esportivas com idade entre 14 e 47 anos ($M=21,66\pm 6,65$; 55,6% homens), inscritos em instituições federativas. A análise fatorial exploratória indicou estrutura bidimensional do ICASC-40, confirmando a hipótese teórica das estratégias de evitação e aproximação, bem como a análise fatorial confirmatória demonstrou a adequação do ICASC-40 para avaliação das estratégias específicas de coping com índices satisfatórios de consistência interna. Também foram encontradas correlações de baixa e moderada magnitude com eficácia adaptativa, indicando adequação do instrumento quanto a avaliação do construto de coping em atletas.

Palavras-chave: enfrentamento; psicologia do esporte; psicometria.

ABSTRACT – Coping Inventory for Athletes in Competition Situation: Validity Evidence

The aim of this study was to investigate the evidence of validity and reliability of the Inventory of Coping for Athletes in a Competition Situation (ICASC-40). This instrument evaluates the coping strategies employed by athletes experiencing stressful situations inherent to sport environments through two broad dimensions: approximation and avoidance. The sample was composed of 243 athletes of different types of sports, aged between 14 and 47 years. ($M=21.66\pm 6.65$, 55.6% men), enrolled in federative sport institutions. Exploratory Factor Analysis revealed a two-dimensional structure for the ICASC-40, confirming the theoretical hypothesis of the strategies of avoidance and approximation. Confirmatory Factor Analysis showed the adequacy of the ICASC-40 for the evaluation of specific coping strategies, with satisfactory indexes of internal consistency. Furthermore, weak and moderate magnitude correlations were found with adaptive efficacy, indicating adequacy of the instrument to measure the coping construct in athletes.

Keywords: coping; sport psychology; psychometry.

RESUMEN – Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição: Evidencias de Validez

Esta investigación tuvo como principal objetivo la búsqueda de evidencias de validez y confiabilidad del Inventario de Coping para Atletas en Situación de Competición (ICASC-40). El instrumento evalúa las estrategias de coping empleadas por atletas frente a las situaciones estresantes relacionadas con el ambiente deportivo a través de dos dimensiones, Evitación y Aproximación. La muestra fue compuesta por 243 atletas de diferentes modalidades deportivas con edad entre 14 y 47 años ($M=21,66\pm 6,65$, 55,6% hombres), inscritos en instituciones federativas. El Análisis Factorial Exploratorio indicó la estructura bidimensional del ICASC-40, confirmando la hipótesis teórica de las estrategias de Evitación y Aproximación, así como el Análisis Factorial Confirmatorio evidenció la adecuación del ICASC-40 para la evaluación de las estrategias específicas de coping con índices satisfactorios de consistencia interna. También se encontraron correlaciones de baja y moderada magnitud con eficacia adaptativa, indicando la adecuación del instrumento para la evaluación del constructo de coping en atletas.

Palabras clave: enfrentamiento; psicología del deporte; psicometria.

As diferentes formas de lidar com situações que envolvem estresse e de se adaptar às contingências adversas

têm sido o foco de vários estudos dentro da Psicologia ao longo dos anos (Suls, David, & Harvey, 1996).

¹ Endereço para correspondência: Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Garanhuns. Departamento de Psicologia, Avenida Capitão Pedro Rodrigues, S/N, Magano, Garanhuns, 55294-902, Pernambuco, PE. Tel.: (87) 3761-8229. E-mail: epeixoto_6@hotmail.com

Mais especificamente, nesse campo, as pesquisas se intensificaram por volta dos anos 60, sob a perspectiva de *coping* ou resposta de enfrentamento (Parker & Endler, 1996; Seidl, Tróccoli, & Zannon, 2001).

O processo de *coping*, inicialmente pôde ser compreendido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais realizados pelo indivíduo para lidar com situações adversas nas quais avalia como possivelmente estressora e causadora de sobrecarga (Lazarus & Folkman, 1984; Skinner & Zimmer-Gembeck, 2009; Zanini & Forns, 2014). Nessa perspectiva, pode-se compreender o *coping* como um processo de interação entre indivíduo e ambiente, cuja função é a de administração de situações estressoras, pressupondo sua avaliação, ou seja, como o indivíduo interpreta e representa o fenômeno mentalmente. Dessa forma, o processo de *coping* pode ser compreendido como uma mobilização de esforços, por meio da qual o indivíduo poderá utilizá-los como forma de administrar demandas internas e externas que surgem da sua interação com o ambiente (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2016).

De acordo com Pais-Ribeiro (2004), as estratégias de *coping* podem variar ao longo da vida de cada indivíduo, devendo ser avaliadas de maneira multidimensional. Nesse caso, para compreender sua eficácia ou considerar uma estratégia adequada, é importante reconhecer que a situação estressora foi dominada e que o impacto das ameaças consequenciais foi minimizado. Sob essa perspectiva, a resposta frente a uma situação estressora pode compreender competências importantes de regulação emocional e de resolução de problemas (Skinner et al., 2003; Vasconcelos & Nascimento, 2016).

Faz-se importante mencionar que as estratégias de *coping* podem ser compreendidas sob uma esfera biopsicossocial, na qual englobe processos genéticos, fisiológicos, características temperamentais, qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos e os processos sociais específicos do desenvolvimento humano. Nesse sentido, torna-se importante considerar o *coping* como ação regulatória, na qual envolve o monitoramento do comportamento em resposta a diferentes demandas situacionais, considerando autopercepção e a percepção do ambiente por parte do indivíduo (Sameroff, 2009), visando o ajuste das respostas afetivas, de atenção e de comportamento motor voluntário, de forma dirigida ao alcance de seus objetivos (Ramos, Enumo, & Paula, 2015).

Dado esse fato, pesquisadores de diversas áreas da psicologia, inclusive do esporte, tem focado seus estudos enfatizando o potencial de *coping* como preditor de adaptabilidade social e como potencial moderador da ligação estresse-saúde, utilizando-se das dimensões de aproximação e evitação (Holahan, Moos, & Schaefer, 1996). A dimensão Aproximação compreende as manifestações comportamentais e cognitivas que são utilizadas durante situações de estresse. Nesse caso, as estratégias de *coping*

estão relacionadas a busca de informação e planejamento para a resolução do problema, de modo adaptativo e funcional (Holahan & Moos, 1985). Diferentemente, a dimensão Evitação está vinculada a possíveis padrões de desajustamento psicológico, podendo se relacionar, por exemplo, a quadros depressivos e outros distúrbios (Endler & Parker, 1990).

Em relação aos estudos científicos, têm evidenciado que a utilização de estratégias de aproximação possibilita níveis mais positivos de autoestima e bem-estar subjetivo. Essas estratégias, no caso, acabam fortalecendo a importância dos esforços mais adaptativos de *coping* (Grob, Stesenko, Sabatier, Botcheva, & Macek, 1999; Paula Júnior & Zanini, 2011; McCrae & Costa, 1986).

No contexto esportivo, as situações estressantes podem ser as mais diversas, podendo gerar uma série de consequências representativas na saúde do atleta. O tipo de pressão que sofre no ambiente de competição, seja por meio da cobrança de treinadores, torcedores e familiares, pode interferir em seu desempenho e potencializar problemas de cunho psicológico e físico. Dessa forma, estratégias de enfrentamento eficazes nessas situações possibilitam mais sucesso e qualidade de vida durante a prática esportiva (Hill & Appleton, 2011; Verardi, Santos, Nagamine, Carvalho, & Miyazaki, 2014).

Segundo Lazarus e Folkman (1984), compreender o contexto no qual o indivíduo está inserido torna-se imprescindível para a escolha das estratégias empreendidas para lidar com eventos estressantes. De modo mais específico, algumas estratégias que podem ser utilizadas durante a prática esportiva, em situação de competição, podem não ser as mesmas empregadas em demais situações, podendo interferir efetivamente na forma de administração de problemas individuais.

No entanto, apesar de serem importantes, avaliar as estratégias de enfrentamento ainda é uma tarefa complexa, principalmente quando o objetivo é identificá-las para, posteriormente, desenvolvê-las. Alguns autores trazem em seus estudos, instrumentos internacionais com esse objetivo, no entanto, também refletem acerca da carência de instrumentos com propriedades psicométricas adequadamente testadas no Brasil (Balbinotti, Barbosa, Wiethaeuper, & Teodoro, 2006; Benetti et. al., 2015; Camarinho & Gomes, 2015; Damião, Rossato, Fabri & Dias, 2009). Nesse sentido, embora atualmente haja um aumento substancial nos estudos direcionados a suprir essas lacunas, ainda são escassos os investimentos para a superação dessa lacuna no contexto esportivo (Paula Júnior & Zanini, 2011; Rodrigues & Polidori, 2012).

Nesse passo, seguindo o modelo do Inventário Multifatorial de *Coping* para Adolescentes (IMCA; Antoniazzi, 2000) e visando suprir lacunas sobre estratégias de enfrentamento frente a situações competitivas no ambiente esportivo, Wiethaeuper e Balbinotti (2012) construíram o Inventário de *Coping* para Atletas em Situação de Competição (ICASC-40). O instrumento foi

desenvolvido partindo dos pressupostos teóricos mencionados anteriormente (Endler & Parker, 1990; Holahan & Moos, 1985, Holahan, Moos, & Schaefer, 1996), com objetivo de avaliar as estratégias de enfrentamento frente a situações estressantes específicas ao contexto esportivo competitivo por meio de duas dimensões: Orientação ao Enfrentamento (aproximação) que dizem respeito aos esforços cognitivos e comportamentais para resolução do problema, e Orientação ao Afastamento (evitação), que corresponde a esforços cognitivos e comportamentais para escapar, evitar ou minimizar o problema.

Nessa perspectiva, cada uma dessas dimensões é composta por quatro tipos de estratégias específicas, sendo as relacionadas com a dimensão de Aproximação: Reavaliação (criação de significados positivos, inclui estratégias como refletir sobre o problema e aprender com a situação conflitiva); Ação Direta (realização de esforços com foco no problema, buscando alterar as circunstância da situação); Apoio Social (procura de suporte informativo e suporte social advindo da família, amigos ou pessoas importantes que possam ajudar na superar a situação), Autocontrole (esforços de regulação dos próprios sentimentos, emoções e manutenção frete a uma situação de estresse).

Em relação a dimensão de Evitação, as estratégias específicas referem-se a Ação Agressiva (tentativa de mudança da situação por meio de comportamentos agressivos, violência física ou verbal, imposição de opinião, podendo apresentar grau de hostilidade e risco às pessoas envolvidas na situação); Negação (esforços cognitivos e comportamentais para não entrar em contato com o problema e com as pessoas nele envolvidas, tentativa de esquecer o problema); Distração (estratégias para escapar ou evitar o problema por meio de realização de atividades que distraia o indivíduo) e Inibição da Ação (quando nada é feito para modificação da situação, espera-se que ela se resolva sozinha) (Antoniazzi, 2000; Kristensen, Achafer, & Busnelo, 2010).

Estudo com base no conteúdo dos itens foram realizados por Balbinotti et al. (2013), na ocasião, juízes independentes, quatro doutores em Psicologia familiarizados com estudos de *coping* e Psicologia do Esporte, demonstraram bons níveis de acordo quanto a qualidade dos itens em representar operacionalmente as respectivas estratégias específicas de *coping* e, portanto, as dimensões Aproximação e Evitação. Além disso, estudos recentes que fizeram uso do ICASC-40 podem ser encontrados na literatura científica. Castillo, Balbinotti, Zanetti, Wiethaeuper e Nazareth (2014) investigaram possíveis diferenças em relação às estratégias de *coping* empregadas por atletas paralímpicos de esgrima em cadeiras de roda da seleção brasileira adulta em função do sexo dos participantes, tempo de prática e momentos de aplicação (antes e depois da competição). Os resultados demonstraram níveis semelhantes entre os diferentes momentos de aplicação, indicando traços estáveis dessas maneiras de

enfrentamento dos desafios esportivos, bem como equivalência no emprego das estratégias de *coping* entre homens e mulheres e praticantes com diferentes tempos de prática. Os resultados são atribuídos ao alto grau de especialização nos esportes vivenciados por atletas desse nível competitivo, a equiparação nos tipos de treinamentos: técnico, tático, físico e mental, uma vez que participam dos mesmos programas de treinamento junto a seleção.

Barbosa et al. (2015) realizou um estudo exploratório sobre o processo de *coping* em atletas de nível escolar no qual verificaram que as estratégias de *coping* de aproximação foram significativamente mais utilizada entre os adolescentes. Além disso, observaram que as estratégias específicas de *coping* foram empregadas e na seguinte ordem: Reavaliação positiva, Ações Diretas, Autocontrole, Apoio Social, Negação, Inibição da Ação, Distração e Ações Agressivas.

Embora estudos façam uso do ICASC-40 para avaliação de atletas de diferentes modalidades esportivas e níveis competitivos, faz-se necessário verificar suas evidências de validade e confiabilidade, haja vista que se trata de um instrumento psicológico e, portanto, estudos que evidenciem a associação entre variáveis observáveis (itens de teste) e construto psicológico, alvo do instrumento, fazem-se necessários (Borsboom, Mellenbergh, & Heerden, 2004). Nessa direção, o objetivo da presente pesquisa foi verificar as qualidades psicométricas do ICASC-40 a partir da estimativa de evidências de validade com base na estrutura interna, relação com outras variáveis teoricamente relacionadas (Eficácia Adaptativa) e precisão (AERA, APA, & NCME, 2014). Sob a hipótese teórica de que o ICASC-40 apresentaria qualidade psicométrica para avaliação das dimensões Aproximação e Evitação e também para avaliação das estratégias específicas que compõem cada uma dessas dimensões: Reavaliação Positiva, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole e Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação, respectivamente. Outra hipótese a qual o estudo se ancora é a de associação entre as estratégias de *coping* e a eficácia adaptativa, uma vez que as estratégias adotadas por uma pessoa frente a uma situação estressora se configuram como uma das principais responsáveis pela qualidade da resposta para fazer frente à situação (Albinson & Petrie, 2003; Schinke, Bonhomme & McGannon, 2010; Shinke, Tenenbaum, Lidor & Battochio, 2012; Tamminen & Crocker, 2014; Tenenbaum, Jones, Kitsantas, Sacks & Berwick, 2003).

Método

Participantes

A amostra foi composta por 243 atletas, de ambos os sexos (55,6% homens), com idades entre 14 e 47 anos ($M=21,66\pm 6,65$), praticantes de diferentes modalidades esportivas: basquete (47,3%), rugby (33,3%), futsal (12,03%) e natação (7%), sendo todos os atletas inscritos

em instituições federativas de suas respectivas modalidades e categorias. Em relação ao nível competitivo, 60,9% declararam competir em nível regional; 35,4% nacional; e 3,7% internacional. Quanto ao tempo de experiência na modalidade, 39,9% informaram possuir cinco anos ou menos; 37,4% entre cinco e dez anos; e 22,6% experiência superior a 10 anos. Em relação ao nível de escolaridade, 29,5% indicaram possuir ensino superior completo; 27,8% ensino médio completo; 20,09% ensino superior incompleto; 14,1% ensino médio completo; 5,1% ensino fundamental completo e 2,5% ensino fundamental incompleto.

Instrumentos

Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição (ICASC-40) (Wiethaeuper & Balbinotti, 2012). O instrumento é composto por 40 itens respondidos por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos, que varia de 1 “nunca faço isso” a 5 “sempre faço isso”, e tem por objetivo avaliar as estratégias de enfrentamento diante às situações estressantes do contexto competitivo. Teoricamente, o instrumento avalia duas dimensões: Orientação ao Enfrentamento e Orientação ao Afastamento, as quais compreendem quatro fatores específicos, a primeira: Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole; enquanto a segunda: Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação, cada uma delas acessadas por cinco itens. Em relação ao nível de confiabilidade, o instrumento apresentou alfa de Cronbach variando entre 0,78 a 0,85.

Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A) (Peixoto, Nakano, & Balbinotti, 2017). A escala tem como objetivo avaliar a qualidade da eficácia adaptativa de atletas. Constitui-se de 42 itens, sendo 21 voltados para avaliação da eficácia adaptativa do setor Afetivo Relacional (AR), e 21 itens para avaliação do setor da Produtividade (PR). Cada item apresenta uma situação-problema, seguida de possíveis alternativas, ou seja, três diferentes maneiras de enfrentar o problema. Essas alternativas foram construídas de acordo com os critérios propostos por Simon (1997, 2005), representando os diferentes níveis de qualidade adaptativa: adequado, pouco adequado e pouquíssimo adequado. Sendo que, ao respondente, é informado que indique a alternativa de resposta que melhor descreva a maneira como responde a situação. Estudos psicométricos indicaram que as subescalas (AR e PR) avaliam a eficácia adaptativa de acordo com três fatores: foco no eu, foco no outro e foco na situação problema, com índices desejáveis de precisão, coeficientes alfa de Cronbach entre 0,82 e 0,87.

Questionário Sociodemográfico. O instrumento permitiu acesso às principais características dos participantes, como idade, sexo, modalidade esportiva, nível competitivo, tempo de experiência na modalidade, estado civil e nível de escolaridade.

Procedimentos

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas sob o protocolo (CAAE 38072214.8.0000.5481), foi feito contato com as agremiações esportivas por meio das informações contidas em sites de federações esportivas. Em seguida, foram contatados dirigentes ou participantes da equipe técnica dessas equipes esportivas a fim de obter autorização formal por parte das instituições e convidar os atletas a participarem da pesquisa.

Após a apresentação da pesquisa aos atletas e o consentimento formal dos participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), iniciou-se o processo de aplicação dos instrumentos. No intuito de interferir o mínimo possível na rotina dos atletas, as aplicações foram realizadas coletivamente nos centros de treinamentos, com tempo aproximado de 15 minutos.

Análise de dados

A partir dos objetivos propostos, diferentes procedimentos estatísticos foram empregados. Para avaliação da estrutura interna do ICASC-40, realizou-se a análise fatorial exploratória (AFE), por meio do método de estimação *Unweighted Least Squares* (ULS), e rotação oblíqua promax. Para tanto, baseou-se em matrizes de correlação policóricas, tendo em vista maior adequação desse procedimento quando a análise de variáveis ordinais, itens respondidos por meio de escala Likert. Como método de retenção de fatores, empregou-se a análise paralela (AP) baseada no *Minimum Rank Factor Analysis* e Método Hull (Timmerman & Lorezo-Seva, 2011). Todas as análises foram realizadas no *software* estatístico Factor versão 10.3 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

Considerando que a AFE indicou a pertinência de dois fatores, coerentes com as dimensões teóricas Aproximação e Evitação, recorreu-se a análise fatorial confirmatória (AFC) para investigação da capacidade do ICASC-40 em avaliar as estratégias específicas que compõem essas dimensões: Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole e Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação, respectivamente. Para tanto, análises fatoriais confirmatórias foram estimadas com método *Weighted Least Squares Mean and Variance-adjusted* (WLSMV), com base também em matrizes de correlação policóricas, proporcionando a avaliação e comparação entre diferentes modelos: compostos por fatores oblíquos e, portanto, correlacionados, e modelo fatorial hierárquico de segunda ordem (Marôco, 2010).

Dessa forma, os modelos fatoriais foram avaliados a partir dos índices recomendados por Muthén e Muthén (2012), sendo estes: WLSMV χ^2 , df , χ^2/df , RMSEA, CFI e TLI. Utilizou-se como parâmetro de adequação os valores de referência comumente empregados na literatura especializada: $\chi^2/df < 5$, RMSEA $< 0,08$, CFI e

TLI > 0,90. Tais análises foram realizadas com o apoio do pacote estatístico *MPlus* versão 7.3 (Muthén & Muthén, 2012).

Para avaliação dos indicadores de precisão do ICASC-40, recorreu-se à estimação de coeficientes alfa de Cronbach e coeficientes ômega de McDonald (McDonald, 1999). Ambas as medidas objetivam a estimação da consistência interna de itens reflexivos, contudo, o segundo método tem sido apresentado na literatura especializada como mais sensível, e menos susceptível ao número de itens que compõem a medida. Conforme indicado pela literatura, para ambos coeficientes, valores iguais ou superiores a 0,7 indicam boa precisão (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2004).

Por fim, buscou-se estimar evidências de validade com base na relação com outras variáveis, Eficácia Adaptativa. Para tanto, foram estimadas correlações de Pearson entre os escores apresentados pelos participantes nas diferentes dimensões da Escala ICASC-40 e da Escala de Eficácia Adaptativa para Atletas (EDA-AR-A), assumindo-se níveis de significância $\leq 0,05$. Destaca-se que, para a escolha de uma técnica paramétrica de correlação, apoiou-se no padrão normal assumido pelas variáveis, valores de *skewness* e *kurtosis* entre -2 e 2 (George & Mallery, 2010).

Resultados

A AFE foi antecedida da apreciação dos indicadores de adequação da matriz de correlação, Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Teste de Esfericidade de Bartlett, os quais

indicaram que as proporções de variância dos itens poderiam ser explicadas por variáveis latentes ($KMO=0,806$), e rejeitaram a hipótese que a matriz de dados é similar a uma matriz-identidade ($(780) 2761,8; p < 0,001$), demonstrando, a adequação da matriz para a realização da AFE (Tabachnick & Fidell, 2012).

Considerando a obtenção de indicadores de fatoração da matriz de correlação adequados, avaliaram-se os métodos de retenção de fatores. Para tanto, recorreu-se à análise paralela e método Hull que indicaram a pertinência de dois fatores, como os apresentados na Tabela 1. Nota-se que apenas os dois primeiros fatores apresentaram variâncias explicadas (VE) superiores à média das variâncias estimadas por meio das matrizes obtidas aleatoriamente, 500 matrizes estimadas por meio do método permutação (Buja & Eyuboglu, 1992), bem como superior ao valor de variância explicada alocada no percentil 95 dentre os dados aleatórios. Quanto ao método Hull, observa-se que o fator 2 obteve maior valor do *screetest*, que indica a melhor razão entre índices de ajuste e grau de liberdade apresentado entre as possíveis soluções fatoriais e, portanto, a solução mais pertinente (Ceulemans, Timmerman, & Kiers, 2010; Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011).

Considerando a solução indicada por ambos os métodos de retenção, realizou-se AFE propriamente dita forçando a solução para retenção de dois fatores. Os resultados são apresentados na Tabela 2 por meio da solução fatorial com carga fatorial dos itens, porcentagem e variância explicada e coeficiente de correlação entre os fatores.

Tabela 1
Retenção de Fatores

Número de fatores	Análise Paralela			Método Hull		
	% de variância explicada dados reais	% de variância explicada dados aleatórios		CFI	Gl	Screetest
		Média	Percentil 95			
1	20,0	5,8	6,2	0,600	740	1.622
2	15,8	5,4	5,6	0,960	701	11.830
3	4,8	5,1	5,3	0,990	663	1.857

Tabela 2
Modelo Fatorial Exploratório e Confirmatório do ICASC-40

Itens	Evitação	Aproximação	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8
Item 1		0,312	0,270							
Item 2		0,634		0,599						
Item 3		0,318			0,448					
Item 4		0,530				0,558				
Item 5	0,472						0,686			
Item 6	0,330							0,371		
Item 7	0,587								0,626	
Item 8	0,388									0,513

Tabela 2 (continuação)
Modelo Fatorial Exploratório e Confirmatório do ICASC-40

Itens	Evitação	Aproximação	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8
Item 9		0,581	0,556							
Item 10		0,748		0,741						
Item 11		0,432			0,59					
Item 12		0,485				0,615				
Item 13	0,541						0,796			
Item 14	0,499							0,478		
Item 15	0,546								0,593	
Item 16	0,496									0,612
Item 17		0,579	0,612							
Item 18		0,702		0,690						
Item 19		0,325			0,447					
Item 20		0,499				0,606				
Item 21	0,583						0,743			
Item 22	0,665							0,648		
Item 23	0,512								0,577	
Item 24	0,558									0,528
Item 25		0,448	0,442							
Item 26		0,735		0,766						
Item 27		0,411			0,578					
Item 28		0,393				0,553				
Item 29	0,365						0,398			
Item 30	0,493							0,645		
Item 31	0,511								0,644	
Item 32	0,544									0,682
Item 33		0,685	0,728							
Item 34		0,692		0,758						
Item 35		0,599			0,793					
Item 36		0,516				0,662				
Item 37	0,391						0,485			
Item 38	0,383							0,338		
Item 39	0,546								0,590	
Item 40	0,608									0,739
VE	19,3	15,2								
VE Total		34,5								
Corr.		0,076	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8
			F2							
			F3	0,553						
			F4	0,596	0,638					
			F5	-0,255	0,183	0,027				
			F6	0,040	0,257	0,478	0,556			
			F7	-0,054	0,358	0,458	0,371	0,937		
			F8	-0,494	-0,005	-0,074	0,411	0,610	0,504	*--
Alfa	0,869	0,892	0,683	0,849	0,723	0,755	0,761	0,650	0,766	0,772
Ômega	0,871	0,891	0,701	0,850	0,735	0,754	0,789	0,669	0,767	0,774

Nota. RP=Reavaliação Positiva; AD=Ação Direta; AS=Apoio Social; Aut.=Autocontrole; AA=Ação Agressiva; Neg.=Negação; Dis.=Distração; IA=Inibição da Ação

Quanto à interpretação teórica dos fatores que emergiram essas correspondem, as duas grandes dimensões

teóricas que fundamentaram a construção do ICASC-40, correspondendo a 20 itens para dimensão Evitação e 20

itens para avaliação da dimensão Aproximação. Vale ressaltar que cargas fatoriais com valores inferiores a 0,3 foram suprimidas da solução apresentada na Tabela 1, o que permite afirmar que os itens que compuseram a solução, seus respectivos fatores, apresentam-se como bons representantes desses construtos. Além disso, os resultados demonstram que não existiram item com cargas cruzadas, ou seja, com cargas fatoriais importantes ($>0,3$) em dois ou mais fatores. Ainda em relação a AFE, verifica-se, na Tabela 2, a porcentagem de variância total explicada pela solução fatorial (34,5%), bem como os índices de correlação apresentados entre os dois fatores (0,076), que indica ausência de correlação entre eles.

Embora os métodos de retenção de fatores como AP e método Hull sejam considerados os melhores pela literatura especializada (Damásio, 2012), estes apresentam algumas limitações, como a tendência em subestimar o número de fatores que guardam magnitude de correlação moderada ou alta entre si (Golino & Sacha, 2017),

como no caso das estratégias específicas que compreendem as dimensões Aproximação e Evitação. Nesse sentido, optou-se por utilizar o procedimento de AFC para estimar evidências de validade do ICASC-40 ao avaliar também as estratégias específicas de coping: Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole; enquanto a segunda: Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação. Para tanto, diferentes modelos foram avaliados. 1. Dimensão Evitação com fatores correlacionados; 2. Dimensão Aproximação com fatores correlacionados; 3. Dimensão Evitação num modelo hierárquico de segunda ordem; 4. Dimensão Aproximação num modelo hierárquico de segunda ordem; 5. Modelo Geral com oito fatores correlacionados e 6. Modelo Geral com oito fatores de primeira ordem (estratégias específicas) e dois fatores de segunda ordem correlacionados (grandes dimensões Evitação e Aproximação). Os resultados são apresentados na Tabela 3, onde se verifica os índices de ajustes estimados para cada modelo.

Tabela 3
Índices Ajustes para os Diferentes Modelos Confirmatórios do ICASC-40

Modelos	χ^2	df	p	χ^2/gl	CFI	TLI	RMSEA (IC 90%)
1. Evitação corr.	308	164	<0,001	1,88	0,918	0,906	0,064 (0,053 – 0,075)
2. Aproximação corr.	319,945	164	<0,001	1,95	0,929	0,918	0,067 (0,056 – 0,077)
3. Evitação 2° ord.	308,84	166	<0,001	1,86	0,894	0,879	0,063 (0,052 – 0,074)
4. Aproximação 2° ord.	344,472	166	<0,001	2,08	0,919	0,907	0,071 (0,060 – 0,081)
5. Total corr.	1066,103	712	<0,001	1,50	0,908	0,880	0,048 (0,042 – 0,054)
6. Total 2° ord.	1384,319	731	<0,001	1,89	0,765	0,749	0,064 (0,059 – 0,070)

A partir da Tabela 3, observa-se que os modelos compostos por itens correlacionados (modelos 1 e 2) apresentaram índices de ajustes ligeiramente superiores àqueles compostos por um modelo de segunda ordem (modelos 3 e 4). Essa diferença fica mais sutil quanto à avaliação da dimensão Aproximação, em que ambos os modelos podem ser classificados, por meio dos índices de ajustes como adequados. Por fim, a avaliação do modelo total, composto por oito fatores correlacionados apresentou índices de ajustes consideravelmente superiores aos apresentados pelo modelo de segunda ordem, indicando adequação do ICASC-40 para a avaliação das estratégias específicas de coping, considerando-as como fatores oblíquos. O modelo confirmatório com oito fatores correlacionados é apresentado Tabela 2 (à direita), onde se verifica as cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores e índices de correlação entre fatores.

Por fim, na parte inferior da Tabela 2 são apresentados os indicadores de precisão do ICASC-4. Esses indicadores podem ser classificados como muito bons quando a avaliação das grandes dimensões, variando entre 0,869 e 0,892; bons para estratégias específicas

de Reavaliação Positiva, Ação direta, Apoio Social, Autocontrole, Ação Agressiva, Distração e Inibição da Ação, variando entre 0,701 e 0,850; e aceitáveis para os as estratégias específicas de Reavaliação Positiva e Negação, variando entre 0,650 e 0,683.

Por fim, foram estimadas evidências de validade com base na relação com outras variáveis, considerando, nesse caso, a variável de Eficácia Adaptativa. Os resultados são apresentados na Tabela 4, onde se verificam os índices de correlação entre os fatores que compõem o ICASC-40 e a EDAO-AR-A.

Conforme observado na Tabela 4, a dimensão Evitação apresentou correlações negativas, baixas e significativas com a subescala Afetivo relacional ($r=-0,220$), com o fator Foco na Situação Problema ($r=-0,248$) e com a subescala Produtividade ($r=-0,202$). A dimensão aproximação apresentou correlações positivas, baixas e significativas com todos os fatores das subescala Afetivo relacional (r entre 0,207 e 0,289) e correlações positivas, baixas e significativas com os fatores da subescala Produtividade (r entre 0,250 e 0,291) e moderada com subescala Produtividade total ($r=0,370$).

Tabela 4
Correlações entre ICSC-40 e EDAO-AR-A

	RP	AD	AS	Aut.	AA	Neg	Dis	IA	Evitação	Aproximação
AR Total	0,279**	0,237**	0,200**	0,171*	-0,275**	-0,170*	-0,054	-0,215**	-0,220**	0,289**
FE	0,154*	0,200**	0,161*	0,114	-0,086	-0,065	-0,063	-0,195**	-0,121	0,207**
FO	0,187**	0,149*	0,279**	0,147*	-0,122	-0,110	-0,033	-0,142*	-0,116	0,250**
FSP	0,274**	0,249**	0,050	0,124	-0,394**	-0,158*	-0,021	-0,205**	-0,248**	0,235**
PR Total	0,320**	0,372**	0,245**	0,181*	-0,310**	-0,103	-0,023	-0,248**	-0,202**	0,370**
FO	0,223**	0,110	0,293**	0,113	-0,219**	-0,139*	-0,038	-0,092	-0,140*	0,250**
FE	0,221**	0,332**	0,158*	0,130	-0,255**	-0,060	0,001	-0,252**	-0,167*	0,277**
FSP	0,270**	0,381**	0,097	0,142*	-0,213**	-0,001	-0,009	-0,188**	-0,128	0,291**

Nota. RP=Reavaliação Positiva; AD=Ação Direta; AS=Apoio Social; Aut.=Autocontrole; AA=Ação Agressiva; Neg.=Negação; Dis.=Distração; IA=Inibição da Ação; AR=Afetivo Relacional; Pr=Produtividade; FE=Foco no Eu; FO=Foco no Outro; FSP=Foco na Situação Problema

Por meio das estratégias específicas de *coping*, diferentes associações com os indicadores de Eficácia adaptativa puderam ser observadas, como a associação significativa com os fatores que compõem a subescala Afetivo relacional, Reavaliação positiva e Foco na situação problema ($r=0,274$) e Afetivo relacional total ($r=0,279$); Ações diretas e Foco na situação problema ($r=0,249$) e Afetivo relaciona total ($r=0,237$); Ações agressivas e Foco na situação problema ($r=-0,389$) e Afetivo relacional total ($r=-0,275$); Inibição da ação e Foco na situação problema e Afetivo relacional total ($r=-0,215$).

Assim como associações significativas com os fatores que compõem a subescala Produtividade, Reavaliação positiva com Foco no outro ($r=0,223$), Foco no eu ($r=0,221$), Foco na situação problema ($r=0,279$) e Produtividade total ($r=0,320$); Ações diretas com Foco no eu ($r=0,332$), Foco na situação problema ($r=0,381$) e Produtividade total ($r=0,372$); Apoio social e Foco no outro ($r=0,293$) e Produtividade total ($r=0,245$); Ação agressiva e Foco no outro ($r=-0,219$), Foco no eu ($r=-0,255$), Foco na situação problema ($r=-0,213$) e Produtividade total ($r=-0,310$); Inibição da ação e Foco no eu ($r=-0,252$) e Produtividade total ($r=-0,248$).

Discussão

Esta pesquisa teve como principal objetivo estimar as primeiras evidências de validade com base na estrutura interna, relação com outras variáveis e precisão do ICASC-40. Para tanto, diferentes procedimentos estatísticos foram empregados, o que possibilitou a compreensão de diferentes potencialidades do instrumento. A primeira, diz respeito à estimação de evidências de validade do ICASC-40 quanto à avaliação das dimensões de *coping*: Evitação e Aproximação. Foi possível observar que a estrutura fatorial indicada pelos métodos de retenção AP e Hull e, estimada pela AFE, corresponde à proposta teórica que fundamentou a construção do instrumento (Wiethaeuper & Balbinotti, 2012).

Os resultados obtidos nessa primeira etapa do estudo correspondem ao acúmulo de evidências de adequação dos procedimentos empregados por Balbinotti, Wiethaeuper e Barbosa (2013) para construção de um instrumento de avaliação de *coping* específico para atletas em situação de competição, uma vez que o instrumento apresenta estrutura fatorial semelhante àqueles que se pautaram na mesma compreensão/definição teórica (Holahan et al., 1996; Lazarus & Folkman, 1984; Zanini & Forns, 2014) para avaliação de *coping* em outros estratos populacionais, como adolescentes (Antoniazzi, 2000; Kristensen, Schaefer, & Busnello, 2010) e adultos (Benetti et al., 2015; Damiano et al., 2009), bem como para avaliação de *coping* frente a situação específicas como a morte (Camarneiro & Gomes, 2015) e doenças oncológicas (Paula Junior, & Zanini, 2011; Rodrigues & Polidori, 2012). Dessa forma, pode-se inferir que o primeiro objetivo, estimar evidências de validade com base na estrutura interna do ICASC-40 (AERA; APA, & NCME, 2014), foi satisfatoriamente alcançado.

Contudo, buscou-se verificar evidência de validade do ICASC-40 quanto à avaliação das estratégias específicas de *coping*, haja vista que as dimensões Evitação e Aproximação são compostas pelas estratégias específicas: Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole, Ação Agressiva, Negação, Distração e Inibição da Ação, respectivamente. Por meio de AFCs, verificou-se a adequação dos índices para os modelos compostos por fatores oblíquos, ou seja, correlacionados entre si. Tais resultados trazem importantes contribuições aos pesquisadores e profissionais interessados na avaliação das estratégias de *coping*, ao demonstrar, empiricamente, a potencialidade dos instrumentos em avaliar essas estratégias, individualmente, conforme procedimentos empregados em estudos empíricos que buscaram avaliar essas estratégias em atletas brasileiros (Castillo et al., 2014; Barbosa et al., 2015). Dessa forma, os resultados obtidos corroboram para o acúmulo evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento, correspondentes aos primeiros objetivos da presente pesquisa.

Ainda em relação a estrutura interna do ICASC-40, verificou-se os indicadores de precisão das dimensões Evitação e Aproximação, bem como das as estratégias de *coping* específicas. Os resultados indicaram bom níveis de consistência interna por meio dos métodos alfa de Cronbach e ômega de McDonald, sugerindo baixos níveis de erro embutidos aos modelos de medida propostos a partir do ICASC-40 (Cronbach, 1996; McDonald, 1999). Contudo, valores de coeficientes de alfa de Cronbach inferiores a 0,7 apresentados para os fatores 1 e 6 (0,683 e 0,650) e valores de coeficiente ômega de McDonald (0,699) para o Fator 6 indicam a necessidade de revisão desses fatores. Esses resultados podem ser avaliados em conjunto com as cargas fatoriais apresentadas pelos modelos exploratório e confirmatório, haja vista que o item 1, pertencente ao Fator 1, apresenta carga fatoriais iguais a 0,312 e 0,270, respectivamente, podendo sofrer modificações em futuras versão do instrumento, a fim de apresentar melhores associações teóricas com o fator e, portanto, melhores padrões de relação como os itens que compõem o fator. Raciocínio semelhante pode ser empregado ao item 38 que apresentou carga fatorial igual a 0,338 no modelo confirmatório.

De toda forma, os resultados obtidos nesta pesquisa permitem inferir a adequada estimação de evidências de precisão do ICASC-40, uma vez que valores desses coeficientes superiores a 0,7 podem ser considerados como bons indicadores de precisão de escalas de avaliação psicológica e valores superiores a 0,6 podem ser considerados como valores aceitáveis (Tabachnick & Fidell, 2012). Em especial para os instrumentos em etapas de desenvolvimento (Pasquali, 2010), esses resultados podem indicar que o segundo objetivo, estimar as primeiras evidências de precisão do ICASC-40, foi satisfatoriamente alcançado.

De posse de evidências de validade e precisão do ICASC-40, verificou-se relação desse construto com a variável externa, Eficácia Adaptativa, mensurado a partir da EDAO-AR-A (Peixoto et al., 2017). Em acordo com a perspectiva teórica, o que se observou de forma geral foi uma associação positiva entre as estratégias de aproximação do problema e Eficácia adaptativa, bem como associações negativa entre Eficácia adaptativa e as estratégias de evitação do problema, resultados que sugerem que atletas que procuram se aproximar e enfrentar suas dificuldades no contexto esportivo tendem a emitir respostas adaptativas mais adequadas e, portanto, corroboram os achados científicos observados por outros autores em outros contextos (Albinson & Petrie, 2003; Santeiro, Yoshida, Peixoto Rocha, & Zanini, 2016; Schinke et al., 2010; Schinke et al., 2012; Tammine & Crocker, 2014; Tenenbaum et al., 2003).

Outro importante passo quanto à compreensão da associação entre esses construtos, no contexto esportivo, tornou-se possível por meio das correlações entre as estratégias específicas de *coping* e os diferentes fatores da

Eficácia adaptativa. Nessa direção, observou associação entre a estratégia Reavaliação positiva e Foco na situação problema do setor Afetivo relacional, indicando que pessoas conseguem reavaliar positivamente as situações estressantes inerentes ao contexto esportivo tendem a ter mais facilidade em oferecer solução adaptativas à situações-problemas que exigem tolerância a frustração e reconhecimento das próprias limitações (Peixoto, 2016; Peixoto et al., 2017), a mesma associação é observada pelos atletas que apresentam maiores níveis de ações diretas para o enfrentamento dessas situações. Por outro lado, atletas que fazem uso de ações agressivas apresentam menores capacidades em oferecer soluções adaptativas frente a situações que exigem tais tolerância à frustração e reconhecimento das próprias limitações, haja vista que se trata do coeficiente de correlação mais elevado observado na presente pesquisa ($r=-0,394$). Ainda em relação ao setor Afetivo relacional, verificou-se que atletas que fazem uso de estratégias de busca de apoio social tendem a oferecer resposta mais adaptativas diante de situações-problemas que emergem da convivência e do contato com outros atletas (Peixoto, Nakano, & Balbinotti, 2017).

Ao avaliar a associação entre estratégias de *coping* e o setor Produtividade foi observado, de forma no geral, correlações de maiores magnitudes, o que pode ser compreendido pelo fato dos construtores do ICASC-40 (Balbinotti & Wiethaeuper, 2012) terem sido voltados para situações específicas da competição esportiva e, portanto, das ações referentes a produtividade dos atletas. Nessa direção, atletas que empregam estratégias de Reavaliação positiva tendem a apresentar melhores níveis de respostas adaptativas em situações de conflitos interpessoais, comuns ao contexto esportivo (Foco no outro), em situações que exigem reconhecimento das próprias limitações diante do contexto esportivo (Foco no eu), e melhores respostas adaptativas diante dos desafios inerentes as práticas esportivas de alto rendimento (Foco na situação problema): desafios físicos, técnicos, táticos e psicológicos. Associações semelhantes podem ser observadas pelos atletas que fazem uso de estratégias de ações direta, uma vez que se relacionam positivamente com os fatores Foco no eu e Foco no outro, bem como entre o uso de estratégia de busca de apoio social e o fator Foco no outro.

Do ponto de vista do uso de estratégias de evitação, as ações agressivas se mostraram relacionadas com todos os fatores que compõem o subescala Produtividade, sugerindo que pessoas que fazem uso desse tipo de estratégias tendem a apresentar maiores dificuldades em oferecer respostas adaptativas em situações de conflitos interpessoais, em reconhecer os próprios limites em relação à prática esportiva e a enfrentar adequadamente os desafios inerentes à modalidade esportiva. O mesmo pode ser observado em relação aos atletas que utilizam estratégias de inibição da ação. Sugere-se que tais resultados respondem satisfatoriamente ao último objetivo

desta pesquisa em estimar evidências de validade com base na relação com variáveis externa (AERA, APA, & NCME, 2014). Uma vez que foram confirmadas as hipóteses iniciais quanto à associação entre as estratégias de *Coping* e níveis de Eficácia adaptativa (Schinke et al., 2012; Tammine & Crocker, 2014; Tenenbaum et al., 2003; Peixoto, 2016). Nessa direção, entende-se que a pesquisa em questão construiu para o acúmulo de evidências de validade e precisão da versão ICASC-40, fornecendo assim, as primeiras bases científicas para a interpretação dos escores desse instrumento frente à população-alvo, atletas brasileiros.

Considerações Finais

Este estudo possibilitou estimar evidências de validade com base na estrutura interna, relação com outras variáveis e precisão do ICASC-40. Os resultados sugerem que o instrumento é uma medida adequada de *coping* frente à situação de competição esportiva, confirmando a hipótese teórica sobre a estrutura bidimensional, bem

como da capacidade do instrumento em avaliar as estratégias específicas (avaliada por meio de oito fatores correlacionados entre si).

Contudo, destacam-se os limites da presente pesquisa, que se baseia em uma amostra composta por conveniência, oriunda de uma região específica do país, região sudeste. Nesse sentido, em pesquisas futuras, esforços devem ser realizados no sentido de envolver amostras mais heterogêneas e representativas quanto às diferentes regiões geográficas do país, bem como a diferentes modalidades esportivas que não compuseram a amostra.

No tocante a amostra, torna-se relevante ainda, ponderar os resultados considerando a amostra em sua totalidade, não tendo sido foco deste estudo, a diferenciação entre a população adolescente e adulta. Nesse caso, é de interesse dos autores que estudos futuros que incidam sobre as características desenvolvimentais em relação ao construto sejam conduzidos. Portanto, sugere-se cautela na generalização dos resultados obtidos, bem como a realização de novos estudos que objetivem estimar outras evidências de validade do instrumento.

Referências

- Albinson, C. B., & Petrie, T. A. (2003). Cognitive appraisals, stress, and coping: Preinjury and post injury factors influencing psychological adjustment to sport injury. *Journal of Sport Rehabilitation, 12*(4), 306-322. doi: 10.1123/jsr.12.4.306
- American Educational Research Association, American Psychology Association, & National Council on Measurement in Education (2014). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Research Association.
- Antoniazzi, A. S. (2000). *Desenvolvimento de Instrumentos para a Avaliação de Coping em Adolescentes Brasileiros* [Tese de doutorado não publicada], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre.
- Balbinotti, M. A. A., Barbosa, M. L. L., Wiethaeuper, D., & Teodoro, M. L. M. (2006). Estrutura fatorial do Inventário Multifatorial de *Coping* para adolescentes (IMCA-43). *Psico-PUCRS, 37*(2), 123-130. doi: 10.1590/S1413-82712012000100015
- Balbinotti, M. A. A., Wiethaeuper, D., & Barbosa, M. L. L. (2013). *Inventário de coping para atletas em situação de competição*. Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie (SIROP), Montreal, Canadá.
- Barbosa, M. L. L., Souza, L. S., Panichi, V. B. S., Diehl, A. B. R. P. Oliveira, C. C., Saldanha, R. P., & Balbinotti, M. A. A. (2016). Processo de *coping* em atletas do esporte escolar: um estudo exploratório. *Coleção Pesquisa em Educação Física, 15*(1), 151-158.
- Benetti, E. R. R., Stumm, E. M. F., Weiller, T. H., Batista, K. M., Lopes, L. F. D., & Guido, L. A. (2015). Estratégias de *Coping* e características de trabalhadores de enfermagem de hospital privado. *Northeast Network Nursing Journal, 16*(1), 3-10. doi: 10.15253/2175-6783.2015000100002
- Borsboom, D., Mellenbergh, G. J., & Heerden, J. V. (2004) The Concept of Validity. *Psychological Review, 111*(4), 1061-1071. doi: 10.1037/0033-295X.111.4.1061
- Buja, A., & Eyuboglu, N. (1992). Remarks on Parallel Analysis. *Multivariate Behavioral Research, 27*, 509-540. doi:10.1207/s15327906mbr2704_2
- Camarneiro, A. P. F., & Gomes, S. M. R. (2015). Tradução e Validação da Escala de *Coping* com a Morte: Um Estudo com Enfermeiros. *Revista de Enfermagem Referência, 4*(7), 113-122. doi: 10.12707/RIV14084
- Ceulemans, E., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. L. (2010). The CHull procedure for selecting among multilevel component solutions. *Chemometric and Intelligent Laboratory Systems, 106*(1), 12-20. doi: 10.1016/j.chemolab.2010.08.001
- Castillo, R. A., Balbinotti, M. A. A., Zanetti, M. C., Wiethaeuper, D., & Nazareth, V. L. (2014). Estratégias de *coping* em situação de competição: Estudo descritivo-comparativo com um grupo de elite de esgrimistas em cadeira de rodas. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano, 2*(2) 07-23. doi: 10.18316/1894
- Cronbach, L. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Damasio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica, 11*(2), 213-228. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712012000200007
- Damião, E. B. C., Rossato, L. M., Fabri, L. R. O., & Dias, V. C. (2009). Ways of coping inventory: A theoretical framework. *Revista Escola de Enfermagem da USP, 43*(2), 1199-1203. doi: 10.1590/S0080-62342009000600009
- Endler, N.S., & Parker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 844-854. doi: 10.1037/0022-3514.58.5.844
- George, D. & Mallery, P. (2010). *SPSS for Windows Step by Step: A Simple Guide and Reference 17.0 Update*. 10th Edition, Pearson, Boston.

- Golino, H. F., & Sacha, E. (2017). Exploratory graph analysis: A new approach for estimating the number of dimensions in psychological research. *PLOS ONE*, 12(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174035>
- Grob, A., Stesenko, A., Sabatier, C., Botcheva, L., & Macek, P. (1999). A model of adolescents' well-being in different social contexts. Em F. D. Alsaker & A. Flammer (Eds.), *The adolescent experience: European and American adolescents in the 1990s* (pp. 115-130). New York: Lawrence Erlbaum.
- Hair, J.F., Black, W.C. Babin, B.J., Anderson, R.E. & Tatham, R.L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hill, A. P., & Appleton, P. R. (2011). The predictive ability of the frequency of perfectionistic cognitions, self-oriented perfectionism, and socially prescribed perfectionism in relation to symptoms of burnout in youth rugby players. *Journal Sports Science*, 29(7), 695-670. doi: 10.1080/02640414.2010.551216
- Holahan, C.J., & Moos, R.H. (1985). Life stress and health: Personality, coping, and family support in stress resistance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 739-747. doi: 10.1037/0022-3514.49.3.739
- Holahan, C. J., Moos, R. H., Schaefer, J. A. (1996). Coping, stress, resistance, and growth: Conceptualizing adaptive functioning. Em M. Zeidner & N. S. Endler (Eds.), *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 24-43). New York: Wiley.
- Kristensen, C. H., Schaefer, L. S., & Busnello, F. B. (2010). Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), 21-30. doi: 10.1590/S0103-166X2010000100003
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2013). FACTOR 9.2 A comprehensive program for fitting exploratory and semi confirmatory factor analysis and IRT models. *Applied Psychological Measurement*, 37(6), 497-498. doi: 10.1177/0146621613487794
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. (2011). The hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340-364. doi: 10.1080/00273171.2011
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software e Aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (1986). Personality, coping, and coping effectiveness in an adult sample. *Journal of Personality*, 54, 385-405. doi: 10.1111/j.1467-6494.1986.tb00401.x
- McDonald, R. P. (1999). *Test theory: A unified treatment*. Mahwah, N.J.: L. Erlbaum Associates.
- Muthén, L.K. & Muthén, B.O. (2012). *Mplus User's Guide*. Seventh Edition. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief COPE. *Coleção Psicologia Saúde e Doenças*, 5(1), 3-15. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/1054>
- Parker J. D. A., & Endler, N. S. (1996). Coping and defense: A historical overview. Em M. Zeidner & N. S. Endler (Eds.), *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 3-23). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Pasquali, L. (2010). Testes Referentes a Construto: Teorias e Modelos de Construção. Em L. Pasquali et al. (Eds.). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática* (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.
- Paula Júnior, W., & Zanini, D. S. (2011). Estratégias de coping de pacientes oncológicos em tratamento radioterápico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 491-497. doi: 10.1590/S0102-37722011000400013
- Peixoto, E. M. (2016). *Desenvolvimento da Segunda Versão da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para Atletas (EDAO-AR-A)* (Tese de doutorado em Psicologia como Profissão e Ciência), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Peixoto, E. M., Nakano, T. C., & Balbinotti, M. A. A. (2017). Eficácia adaptativa em atletas: Desenvolvimento de instrumento e evidências de validade. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 7(2), 38-56. Recuperado de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/download/8808/5446>
- Ramos, F. P., Enumo, S. R. F., & Paula, K. M. P. (2015). Teoria Motivacional do Coping: Uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 269-279. doi: 10.1590/0103-166X2015000200011
- Rodrigues, F. S. S., & Polidori, M. M. (2012). Enfrentamento e resiliência de pacientes em tratamento quimioterápico e seus familiares. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 4(58), 619-627. Recuperado de http://www.inca.gov.br/rbc/n_58/v04/pdf/07-artigo-enfrentamento-resiliencia-pacientes-tratamento-quimioterapico-familiares.pdf
- Sameroff, A. J. (Ed.) (2009). *The transactional model of development: How children and contexts shape each other*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Santeiro, T. V., Yoshida, E. M. P., Peixoto, E. M., Rocha, G. M. A. & Zanini, D. S. (2016). Diferenças conceituais e empíricas entre eficácia adaptativa e coping. *Estudos Interdisciplinares de Psicologia*, 7(1), 2-19. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n1p02>
- Schinke, R. J., Bonhomme, J., McGannon, K. R., & Cummings, J. (2012). The internal adaptation processes of professional boxers during the showtime super six boxing classic: A qualitative thematic analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(6), 830-839. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.06.006
- Schinke, R. J., Tenenbaum, G., Lidor, R., & Battocchio, R. C. (2010). Adaptation in action: The transition from research to intervention. *The Sport Psychologist*, 24(4), 542-557. doi: 10.1123/tsp.24.4.542
- Seidl, E. M. F., Tróccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 225-234. doi: 10.1590/S0102-37722001000300004
- Skinner, E. A., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2009). Challenges to the developmental study of coping. Em E. A. Skinner & M. J. Zimmer-Gembeck. (Eds.) *Coping and the development of regulation: New directions for child and adolescent development* (pp. 5-17). San Francisco: Jossey-Bass.
- Skinner, E. A., Edge, K., Altman, J., & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 129(2), 216-269. doi: 10.1037/0033-2909.129.2.216
- Simon, R. (1997). Proposta de redefinição da E.D.A.O. (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada). *Boletim de Psicologia*, 47(107), 85-93.
- Simon, R. (2005). Psicoterapia breve operacionalizada: teoria e técnica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Suls, J., David, J. P., & Harvey, J. H. (1996). Personality and coping: Three generations of research. *Journal of Personality*, 64, 711-735. doi: 10.1111/j.1467-6494.1996.tb00942.x
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2012). *Using multivariate statistics*. Person: New Jersey.
- Tamminen, K. A., & Crocker, P. R. E. (2014). Simplicity does not always lead to enlightenment: A critical commentary on 'adaptation processes affecting performance in elite sport'. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 8(1), 75-91. doi: 10.1123/jcsp.2014-0013

- Tenenbaum, G., Jones, C. M., Kitsantas, A., Sacks, D. N., & Berwick, J. P. (2003). Failure adaptation: An investigation of the stress response process in sport. *International Journal of Sport Psychology*, 34(1), 27-62. Recuperado de <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20043016524>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. doi: 10.1037/a0023353
- Vasconcelos, A. G., & Nascimento, E. (2016). Teoria Motivacional do *Coping*: Um modelo hierárquico e desenvolvimental. *Avaliação Psicológica*, 15(spe), 77-87. doi: 10.15689/ap.2016.15ee.08
- Verardi, C. E. L., Santos A. B., Nagamine K. K., Carvalho, T. D., & Miyazaki, M. C. D. (2014). Burnout and coping among football players: Before and during the tournament. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 20(4), 272-275. doi: 10.1590/1517-86922014200401993
- Wiethaeuper, D., & Balbinotti, M., A., A. (2012). *Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição (ICASC-40)*. Service d'intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie (SIROP) Montrel, Canadá.
- Zanini, D. S., & Fornas, N. (2014). Does coping mediate personality and behavioral problems relationship? *Psychology*, 5, 1111-1119. doi: 10.4236/psych.2014.59123
- Zimmer-Gembeck, & Skinner, E. (2016). The development of coping: Implications for psychopathology and resilience. Em D. Cicchetti (Ed.), *Developmental Psychopathology* (vol.4, pp. 1-61). Oxford, England: Wiley & Sons.

recebido em março de 2018
aprovado em dezembro de 2018

Sobre os autores

Evandro Morais Peixoto é psicólogo (UPM), mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). Atualmente é professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Pernambuco UPE/ Campus Garanhuns.

Carolina Rosa Campos é psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela PUC-Campinas. Doutorado Sanduíche pelo Instituto INICO da Universidad de Salamanca, Espanha. Pós-doutorado pela Universidade São Francisco.

Tatiana de Cássia Nakano é psicóloga, mestre e doutora em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUCC.

Marcos Alencar Abaide Balbinotti é psicólogo (PUCRS) e doutor em Psicologia pela Université de Montréal (UdeM). Atualmente é professor do Departamento de Psicologia da Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR).

Bartira Pereira Palma é educadora física. Mestre em Ciências, na área de Educação Física, pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora do curso de Educação Física da Universidade Paulista – Unidade Garanhuns.